

O Pensamento Político e Religioso de José Martí

Werner Altmann

SUMÁRIO

1 <i>O intelectual e a práxis revolucionária</i>	3
2 <i>Caracterização do pensamento de José Martí</i>	13
3 <i>Martí e a temática religiosa</i>	16
3.1 A definição martiana de religião	16
3.2 Martí anticlerical e crítico da religião institucionalizada.....	18
3.3 A opção pelos pobres e a Nova Religião	19
3.4 A religião como poesia do mundo vindouro.....	20
4 <i>À maneira de conclusão: Martí, marxismo, teologia da libertação</i>	22

.....
O autor é mestre em Estudos Latinoamericanos (História) pela UNAM (México), doutor em História pela USP, professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS.
.....

1 O intelectual e a práxis revolucionária

Aos 150 anos de seu nascimento, José Martí continua mais atual do que nunca.

Com efeito, a genialidade de Martí reside, em grande medida, nessa particularidade que impressiona, a da atualidade permanente de seu pensamento num continente que continua refém dos ranços coloniais e neocoloniais e ainda às voltas com o escasso desenvolvimento de suas forças produtivas e a ausência da autonomia nacional.

A percepção clara do papel histórico do colonialismo (“o tigre que morrerá, garras para o ar, soltando fogo pelos olhos”) e a previsão precisa da emergência, ao final do século XIX, da nova inflexão colonialista protagonizada pelo imperialismo do século XX (“o gigante das botas de 7 léguas”) revelam um personagem que articula de forma coerente, ainda no século XIX, o pensamento nacionalista revolucionário que está na base dos grandes movimentos sociais da América Latina do século XX.

Ademais, em Martí, a obra intelectual e a práxis política estão indissolúvelmente ligadas, e o exame de sua obra deve, necessariamente, abarcar essa trajetória dicotômica.

José Julián Martí Pérez nasceu em Havana, no dia 28 de janeiro de 1853, e morreu em 19 de maio de 1895, na batalha de Boca de Dos Rios, uma das primeiras escaramuças militares da revolução Independentista Cubana de fins do século XIX. Era o filho primogênito do casal Leonor Pérez e Mariano Martí, ela, natural das Ilhas Canárias, e ele, de Valência (Espanha), os quais tiveram, depois, ainda sete filhas.

A atividade política de Martí nunca contou com a compreensão dos pais que se posicionaram sempre contra sua atuação pró-independên-

cia de Cuba. A despeito dessa divergência, no entanto, o relacionamento, especialmente com a mãe, foi sempre excelente. O pai, que era sargento, completava seu baixo salário com atividades laterais esparsas e menores. Nesse sentido, em uma de suas idas ao interior da ilha para a realização de trabalho em uma fazenda fez-se acompanhar pelo filho, então com nove anos, para auxiliá-lo como anotador de dados. Nesse momento, o menino conheceu a escravidão. Mais tarde, ao rememorar esse seu primeiro contato com o trabalho escravo, escreveu: “E os negros? Quem viu açoitar a um negro não se considera para sempre seu devedor? Eu o vi, vi-o quando era criança, e a vergonha ainda não se me apagou da face (...) Eu o vi e jurei a mim mesmo, desde então, a sua defesa...”¹

Martí realizou seus estudos na “Escuela Superior Municipal de Varones” de Rafael Mendive (1821/1886), intelectual independentista e discípulo do filósofo José de la Luz Caballero (1800/1862), um dos intelectuais cubanos mais importantes da primeira metade do século XIX.

Em 1868, a partir do Grito de Yara, teve início a 1ª Guerra de Independência Cubana também conhecida por Guerra dos 10 Anos (1868/1878). Martí que, na ocasião, tinha 15 anos de idade, aderiu à causa independentista. Publicou, então, o poema dramático Abdala, dedicado à sua mãe. Neste poema, o jovem Abdala deve defender sua pátria contra a agressão estrangeira apesar dos apelos de sua irmã e de sua mãe em cujos braços irá morrer. Nesta poesia, ele revela a concepção que tinha, então, do amor à pátria:

O amor, mãe, à pátria
Não é o amor ridículo à terra,

1 José Martí, “Fragmentos de Apuntes”, XXII, p. 189. In: Reinerio Arce, Religión: “Poesia del Mundo Venidero – Implicaciones Teológicas en la obra de José Martí”. Quito, Ediciones CLAI, 1996, p. 18.

Nem à relva que pisam nossos pés;
É o ódio invencível a quem a oprime,
É o rancor eterno a quem a ataca;
E tal amor desperta em nosso peito
O mundo de lembranças que nos chama
À vida outra vez...²

Esse texto, no qual Martí enfatiza a ambivalência amor/ódio é, na verdade, atípico, um texto da adolescência. É o único em que se refere ao ódio como contraponto ao amor. Depois disso, Martí desprezou sempre referências ao ódio como componente aceitável da ação revolucionária.

O colégio de Mendive foi fechado em 1869, e o professor deportado como consequência do acirramento da luta independentista que havia se transferido do terreno meramente político para o campo militar. O aluno Martí, por sua vez, apesar da pouca idade, foi preso e condenado a seis anos de prisão com trabalhos forçados. O pai gestionou junto às autoridades espanholas com a argumentação de que o estado de saúde do filho era delicado. Conseguiu, então, que o rapaz cumprisse apenas seis meses de trabalhos em pedreiras em troca de sua deportação posterior para a ilha de Pinos (hoje Isla de la Juventud) e, na época, presídio político. Para a mesma ilha foram enviados, oitenta e três anos depois, em 1953, os integrantes que escaparam com vida do fracassado assalto ao Quartel Moncada, entre os quais se encontrava o líder do grupo, Fidel Castro.

Da ilha de Pinos, Martí foi novamente deportado, agora para a Espanha, em 1871. No período em que esteve na ilha de Pinos, dedicou-se à leitura e estudo da Bíblia (Antigo e Novo Testamento) para publicar, na Espanha, em 1871, a obra *El presidio político en Cuba* ao qual chamou, pelos açoites e torturas inomináveis, de “negação de Deus”.

Nesse momento, o jovem Martí se livrou de todo o dogma e liturgia para transformar sua fé em força moral incorporada à sua religiosidade, à qual vinculou, a partir de então, por toda a vida, o espírito de liberdade, justiça e dignidade. Em virtude disso, sua religiosidade não pode ser dissociada de sua ética nem de seu pensamento político-social. O argentino Ezequiel Martínez Estrada apontou para duas influências decisivas experimentadas por Martí ao ler a Bíblia: “a de Moisés, na identificação da Vontade de Deus e a Lei, e a dos Profetas e Juizes, no sentimento insubornável da Justiça”³.

Chegando à Espanha já estava decidido a dedicar sua vida à causa da libertação do povo cubano e à instalação de um governo independente e democrático em seu país. Na Espanha, aprimorou-se intelectualmente, dando aulas e continuando seu bacharelado em Direito, Filosofia e Letras nas Universidades de Madri e Zaragoza. Teve, também, intensa atividade como articulista em periódicos espanhóis, sempre em defesa da Revolução Cubana. Exortava constantemente os republicanos espanhóis a serem coerentes com seus princípios de liberdade e concederem a independência para Cuba. Seus argumentos tornavam-se irrefutáveis quando insistia na contradição da República Espanhola ao não permitir para Cuba os direitos que ela defendia para a Espanha.

Considere-se que, nesta sua estada na Espanha, o “krausismo espanhol”⁴ exerceu considerável influência sobre seu pensamento, especialmente no terreno da filosofia, da religião e da ética. O tempo de Martí na Espanha terminou em fins de 1874, quando viajou para Veracruz, no México, não sem antes, na passagem pela França, conhecer, pessoalmente, Victor Hugo.

Começaram, então, os anos em que peregrinou pela “América Mestiça”. Anos de extraordinárias aprendizagens a partir do encontro con-

2 Veja-se Roberto Fernández Retamar, Introdução a José Martí. In: José Martí, “Nossa América”, (Roberto Fernández Retamar, org.). S. Paulo, Ed. Hucitec, 1983, p. 15.

3 Ezequiel Martínez Estrada, “Martí Revolucionário”, Havana, 1967, p. 97. In: Reinerio Arce, cit., p. 19.

4 De acordo com R. Arce, o chamado “krausismo espanhol”, ancorado na Filosofia do Idealismo Alemão, especialmente em K.C.F. Krause (1781/1832), teve grande influência na Espanha da metade do século XIX até o final da Guerra Civil (1939) nos campos da Filosofia, Direito, Pedagogia e da política social. Conforme Arce, cit., pp. 21 e 27.

creto com a realidade social, econômica, política e cultural de parte da América Latina. Apaixonou-se pelas magníficas culturas indígenas e percebeu que, além das belezas naturais, o continente era riquíssimo em tradições culturais. E passou a refletir sobre as causas da instabilidade política e social na América Latina e as terríveis consequências do caudilhismo e do militarismo em seus países.

Isso lhe permitiu começar a elaborar propostas de reformas políticas, econômicas e sociais para o desenvolvimento das nações da América Latina. Propostas que partiam do diagnóstico das necessidades fundamentais e das contradições políticas, econômicas e sociais sem cujas superações a autonomia nacional se tornava um ideal inalcançável nessa parte do continente.

Nesse sentido, manifestou posicionamentos concretos, ou apresentou objetivos, tais como obtenção de bom nível educacional para todos os cidadãos, desenvolvimento de uma economia agrária, busca da harmonia social e distribuição equitativa da riqueza como maneira de garantir a justiça social, organização dos operários, direito de greve e a solidariedade dos trabalhadores como meio de se obter remuneração justa pelo trabalho e de exclusão da igreja de toda participação nas estruturas de poder político-social e da eliminação da educação religiosa nas escolas públicas.

No México, teve oportunidade de se reunir novamente com sua família que lá havia se estabelecido temporariamente e conhecer sua futura esposa, Carmen Zayas Bazán, com a qual teve seu único filho. Na capital asteca, garantiu seu sustento, escrevendo na *Revista Universal* e outros periódicos mexicanos, como, por exemplo, “El Socialista”, órgão do “Gran Círculo Obrero Mexicano”. Aproximou-se, portanto, das lutas operárias mexicanas. Também traduziu *Meus Filhos* de Victor Hugo e compôs a obra teatral dramática *Amor com amor se paga*, que foi

sucesso de público num teatro da Cidade do México.

Martí abandonou o México, – “o país que, depois do meu, amo mais”⁵ – em 1876, logo depois do golpe de Porfirio Díaz que derrubou Lerdo de Tejada, o sucessor de Benito Juárez, do poder. Voltou a seu país, visitando, de forma semiclandestina, a cidade de Havana, usando seus segundos nome e sobrenome: Julián Pérez.

Em abril de 1877, transferiu-se para a Guatemala onde exerceu as atividades de professor de Literatura inglesa, francesa, italiana e alemã e de História da Filosofia. Escreveu aí sua obra teatral *Patria y Libertad*, um drama no qual denunciou a cumplicidade da Igreja na exploração e miséria dos índios centro-americanos. Da Guatemala, em 1878, em carta a seu amigo Manuel Mercado, referiu-se às incompreensões por parte de sua mãe quanto a suas atividades políticas.

Recebi a injusta e amorosa carta de minha mãe (...) Minha mãe tem grandezas e as estimo, e a amo – você o sabe – profundamente, mas não me perdoa minha selvagem independência, minha brusca inflexibilidade, nem minhas opiniões sobre Cuba. O que tenho de melhor é o que é julgado pior. Me aflige mas não me torce meu caminho. – Seja por Deus.⁶

Em meados de 1878, aproveitando a anistia política concedida ao final da Guerra dos 10 Anos, decidiu regressar a Cuba. Começou a trabalhar como assistente em escritório de advocacia e retomou suas atividades políticas com plena intensidade. Falava claramente sobre suas convicções independentistas, inclusive na presença de autoridades do governo colonial. Discutia a necessidade da independência política de Cuba e participou de atividades conspiratórias visando a pôr em prática as idéias independentistas.

Denunciado, foi novamente deportado para a Espanha, em setembro de 1879. Lá permaneceu dois meses para retomar sua peregrinação de desterrado. Em 1880, esteve em Nova Iorque e, em 1881, transferiu-se para Caracas. No segundo se-

5 José Martí, “Carta a Manuel Mercado”, dezembro de 1889. In: “Obras Completas” (O.C.) XX, Havana, Editorial de Cuba, 1963/65, p. 157. In: Roberto Fernández Retamar, “Lectura de Martí”, México, Editorial Nuestro Tiempo, 1972, p. 11.

6 José Martí, “Carta a Manuel Mercado”, O.C. XX, p. 44. In: Reinerio Arce, cit., p. 17.

mestre de 1881, retornou a Nova Iorque, onde ficou até 1895.

Nos três primeiros anos nos EUA, dedicou-se à atividade política entre os imigrantes cubanos a fim de preparar a Guerra de Independência. Em 1884, participou das discussões preliminares acerca de uma tentativa de insurreição por parte de remanescentes da Guerra dos 10 Anos. Resolveu, no entanto, desistir depois de uma reunião com os chefes militares da insurreição. Decepcionou-se com a ausência de horizonte político desses militares e sua visão de tipo meramente pessoal e militar a respeito do movimento independentista. O temor de Martí era que Cuba fosse assolada pelo mesmo caudilhismo que grassava nas nações latino-americanas durante o século XIX. Comunicou, então, por carta, sua desistência ao Gen. Máximo Gómez. Nesta carta, escreveu a frase que ficou famosa depois: “Um povo não se funda, General, pelos métodos com que se manda num acampamento”.⁷

Em Nova Iorque, ganhava a vida como jornalista, isto é, escrevendo para mais de vinte jornais, tanto estadunidenses como sul-americanos. Entre os sul-americanos, pode-se mencionar o *La Nación* de Buenos Aires, o *La Opinión Pública* de Montevideú, o *La Opinión Nacional* de Caracas e o *El Partido Liberal* da Cidade do México. Entre os jornais dos EUA, cita-se especialmente, o *The Sun* e o *The Hour*, nos quais atuou também como crítico de arte e literatura. Traduziu, também, obras para editoras de Nova Iorque, escreveu, em forma de cartas, as *Escenas Norteamericanas e Ismaelillo*, considerada a obra que dá início ao modernismo em língua espanhola. Redigiu, além disso, quatro números de *La Edad de Oro*, uma obra destinada a crianças com informações históricas, geográficas, cartográficas e da economia da América Latina. Quando suspendeu a edição em 1889, apresentou as razões em carta (26/11/1889) a seu amigo Manuel Mercado: “... por crença, ou por

medo comercial, o editor queria que eu falasse do ‘temor de Deus’ e que o nome de Deus, e não a tolerância e o espírito divino estivessem em todos os artigos e histórias”.⁸

Durante esta sua estada em Nova Iorque, foi nomeado cônsul da Argentina, Uruguai e Paraguai nos EUA. Como representante do Uruguai participou da 1ª Conferência de Nações Americanas em Washington em outubro de 1889 e abril de 1890 e da Conferência Monetária Internacional Americana em abril de 1891. Nelas reconheceu as intenções neocolonialistas dos EUA, os quais chamou de a *Nova Roma*. Em seu artigo *Concurso Internacional de Washington*, escreveu com visão profética:

Jamais houve na América, da independência para cá, assunto que requeira mais sensatez, nem que obrigue a maior vigilância, nem que peça exame mais claro e minucioso que o convite que os EUA, potentes, repletos de produtos invendáveis e determinados a estender seus domínios pela América, fazem às nações americanas de menos poder, ligadas pelo comércio livre e útil com os povos europeus, para coordenar uma liga contra a Europa e encerrar tratados com o resto do mundo. Da tirania da Espanha soube salvar-se a América espanhola; agora, depois de ver com olhos criteriosos os antecedentes, causas e fatores do convite, urge dizer, porque é a verdade, que para a América espanhola chegou a hora de declarar sua segunda independência.⁹

As independências de Cuba e de Porto Rico adquiriam, desse modo, um novo significado político. E Martí percebia as Antilhas como fiel da balança: se escravas, seriam a ponta de lança da guerra de uma república imperial contra o mundo que já se preparava para negar-lhe o poder, seriam um mero fortim da “Roma americana”; se, por outro lado, livres, seriam, no continente, a garantia do equilíbrio e da independência para a América Latina ainda ameaçada. Nesse caso, salvariam a própria república do Norte em termos de sua própria honra e dignidade, pois encontrariam mais grandeza em seu próprio território do que

7 Roberto Fernández Retamar, in: Introdução a José Martí, cit., p. 19.

8 José Martí, cit., p. 153. In: Reinerio Arce, cit., p. 23.

9 José Martí, “Congreso Internacional de Washington”, O. C. VI, p. 53, in: Roberto Fernández Retamar, Introdução a José Martí, cit., p. 46.

na vergonhosa conquista de seus vizinhos menores e na luta selvagem que, com isso, provocariam com as demais grandes potências pelo predomínio do mundo.

Assim, a luta pela independência antilhana estava fadada à condição de luta gloriosa, pois “é um mundo que estamos equilibrando: não são apenas duas ilhas o que vamos libertar”.¹⁰

A partir de 1887, Martí se reintegra à atividade política para iniciar campanha preparatória da guerra de independência de Cuba e Porto Rico, agora com uma concepção mais ampla: latino-americanista e antiimperialista. Já havia alcançado consciência clara do caráter imperialista da política dos EUA e suas intenções neocolonialistas em relação às duas ilhas caribenhas e o restante da América Latina.

Nesse sentido, revela-se mais uma vez profético em sua *Carta a Gonzalo de Quesada*:

Sobre nossa terra, Gonzalo, paira outro plano mais tenebroso do que até agora conhecíamos e que é a iniquidade de forçar a Ilha, de precipitá-la para a guerra, para ter o pretexto de nela intervir, e com o crédito de mediador ficar com ela. Coisa mais covarde não existe nos anais dos povos livres: nem maldade mais fria. Morrer para dar motivo de que se levante essa gente que nos empurra para a morte em seu próprio benefício?¹¹

Em 1891, Martí escreveu *Nossa América*, a carta magna de seu pensamento latino-americanista. Ressalta aí, de forma metafórica, a autoctonia da América que ele chama “mestiça”, resultado da mescla do europeu, índio e negro. Em tempos de concepções racistas amplamente vigentes, Martí proclama que a mestiçagem é a beleza da América Latina.

A trajetória martiana da percepção da problemática do mundo colonial e a resposta que a América Latina necessitava dar para sua independência e autonomia plenas, parte dos textos de Bolívar (a Carta de Jamaica especialmente). Co-

meçou a perceber a similitude dos problemas cubanos e das demais nações latino-americanas, todas filhas do velho colonialismo. A seguir, era necessário erradicar os ranços colonialistas e enfrentar o imperialismo em formação. Por isso, vinculou sua pátria à América Latina e imaginava que o papel histórico da luta de Cuba era o de defender o restante do continente do novo tipo de dominação que se avizinhava. Pensava em Cuba, formando um dique protetor que salvaria a América Latina da ação predadora do imperialismo. Essa seria a grande missão histórica de Cuba para a unidade latino-americana.

A partir daí cunhou o termo *Nossa América*, nome de seu texto mais conhecido. *Nossa América* pressupõe a diferença, pressupõe a consciência da emergência do imperialismo. *Nossa América* é tomada de posição, é resistência, é combate. Combate em relação ao colonialismo – o tigre que morrerá “soltando fogo pelos olhos e com as garras ao ar” – que era o passado e o presente com suas funestas conseqüências, e combate ao imperialismo, o “gigante das botas de 7 léguas”.

Assim, *Nossa América* se distingue da América que não é nossa. “A América em que nasceu Juárez (o índio Juárez que vence os europeus) é maior porque é a nossa e porque tem sido mais infeliz”.¹² Em decorrência, Martí se apresenta também com missões a cumprir, inclusive no campo prático: “Vivi no monstro e lhe conheço as entranhas – e minha funda é a de Daví”.¹³

Seguem-se a título de ilustração, alguns trechos de *Nossa América* nas quais Martí aborda questões cruciais e essenciais para o continente latino-americano. Observe-se inicialmente as considerações que Martí faz quanto à Independência da América Latina e a própria situação da América Latina independente no século XIX. Atente-se para a forma metafórica do texto no

10 José Martí, “El Tercer Año del Partido Revolucionario Cubano. El Alma de la Revolución y el Deber de Cuba en América” (1894), O. C. III, p. 141-142. In: Roberto Fernández Retamar, cit., p. 35.

11 Carta a Gonzalo de Quesada de 14/12/1889. In: Roberto Fernández Retamar, cit., p. 23.

12 José Martí, Discurso aos delegados hispano-americanos na Conferência Internacional Americana convocado em Washington em 1889. In: Roberto Fernández Retamar, Martí en su (Tercer) Mundo, Lectura de Martí, cit., p. 19.

13 Carta a Manuel Mercado. In: Roberto Fernández Retamar, Introdução a José Martí, cit., p. 3.

qual o autor identifica o colonialismo com a figura do tigre:

O problema da independência não era uma mudança de forma, mas uma mudança de espírito.

Com os oprimidos era preciso fazer uma causa comum, para afiançar o sistema oposto aos interesses e hábitos de mando dos opressores. O tigre, espantado pelo clarão do disparo, volta de noite ao lugar da presa. Morre soltando fogo pelos olhos e com as garras ao ar. Não se escuta quando se aproxima, pois vem com garras de veludo. Quando a presa acorda o tigre já está atacando. A colônia continuou vivendo na república; e nossa América está se salvando de seus grandes erros – da soberbia das cidades capitais, do triunfo cego dos camponeses desdenhados, da importação excessiva das idéias e fórmulas alheias, do desprezo injusto e grosseiro pela raça aborígene, – pela virtude superior, adubada com o sangue necessário, da república que luta contra a colônia. O tigre espera, atrás de cada árvore, agachado na esquina. Morrerá, garras para o ar, soltando fogo pelos olhos.¹⁴

Bastante expressivas são, também, as considerações que Martí faz quanto ao governo e o papel do bom governante na América Latina, reflexão que vincula, logo após, com a universidade e seu papel na formação dos próprios governantes latino-americanos:

(...) onde quer que se governe, é preciso prestar atenção para governar bem; e o bom governante na América não é o que sabe como se governam o alemão e o francês, mas sim aquele que sabe de quais elementos está constituído seu país, e como pode guiá-los conjuntamente para chegar, por métodos e instituições nascidas do próprio país, àquele estado desejado, em que cada homem se conhece e cumpre sua função, e todos desfrutam da abundância que a Natureza colocou no país que fecundam com seu trabalho e defendem com suas vidas. O governo deve nascer do país. O espírito do governo deve ser o do país. A forma de governo deverá concordar com a constituição própria do país. O governo não é mais que o equilíbrio dos elementos naturais do país.

É por isso que o livro importado foi vencido, na América, pelo homem natural. Os homens naturais venceram os letrados artificiais. O mestiço autóctone venceu o crioulo exótico. Não há batalha entre a civilização e a barbárie, mas sim entre a falsa erudição e a natureza. O homem natural é bom, e acata, e premia a inteligência superior, enquanto esta não se vale de sua submissão

para prejudicá-lo, ou não o ofende prescindindo dele, coisa que o homem natural não perdoa, disposto a recuperar pela força o respeito do que lhe fere a suscetibilidade ou lhe prejudica os interesses. Por esta concordância com os elementos naturais desdenhados, subiram ao poder os tiranos da América; e caíram logo após tê-los traído. As repúblicas purgaram, nas tiranias, sua incapacidade de conhecer os elementos verdadeiros do país, de derivar deles a forma de governo, e de governar com eles. Governante, num povo novo, quer dizer criador.

(...)

Como poderão sair das universidades os governantes, se não há universidades na América onde se ensine o rudimentar da arte de governo, que não é mais do que a análise dos elementos peculiares dos povos da América? Os jovens saem pelo mundo adivinhando as coisas com óculos ianques ou franceses e pretendem dirigir um povo que não conhecem. Na carreira política dever-se-ia negar entrada aos que desconhecem os rudimentos da política. O prêmio dos concursos não deverá ser para a melhor ode, mas para o melhor estudo dos fatores do país em que se vive. No jornal, na cátedra, na academia, deve-se levar adiante o estudo dos fatores reais do país. Basta conhecê-los, sem vendas nem disfarces; pois aquele que, por vontade ou esquecimento, deixa de lado uma parte da verdade, tomba, afinal, vítima da verdade que lhe faltou, e cresce na negligência e derruba aquele que se levanta sem ela. Resolver o problema depois de conhecer seus elementos é mais fácil do que resolver o problema sem conhecê-los. Vem o homem natural, indignado e forte e derruba a justiça acumulada nos livros, porque não é administrada de acordo com as necessidades patentes do país. Conhecer é resolver. Conhecer o país, e governá-lo conforme o conhecimento, é o único modo de livrá-lo de tiranias. A universidade européia deve dar lugar à universidade americana. A história da América, dos incas para cá, deve ser ensinada minuciosamente, mesmo que não se ensine a dos arcontes da Grécia. A nossa Grécia é preferível à Grécia que não é nossa. Nos é mais necessária. Os políticos nacionais substituirão os políticos exóticos. Enxerte-se, em nossas repúblicas, o mundo; mas o tronco terá de ser o de nossas repúblicas. E cale-se o pedante vencido; pois não há pátria na qual o homem possa ter mais orgulho do que em nossas sofridas repúblicas americanas.¹⁵

A seguir, destaca-se a caracterização que Martí faz do homem latino-americano, herdeiro da época colonial, e o nascimento na América,

14 José Martí, “Nossa América”, cit., p. 198.

15 Idem, p. 195-197.

“nesses tempos reais, do homem real”, como ele diz:

Éramos uma visão, com peito de atleta, mãos de janota e cara de criança. Éramos uma máscara, com as calças da Inglaterra, o colete parisiense, o jaquetão da América do Norte e o chapéu da Espanha. O índio, mudo, andava ao nosso redor e ia para a montanha, para o cume da montanha, para batizar seus filhos. O negro policiado, cantava na noite a música de seu coração, só e desconhecido, entre as ondas e as feras. O camponês, o criador, se revoltava, cego de indignação, contra a cidade desdenhosa, contra as suas criaturas. Éramos dragões e togas, em países que vinham ao mundo com alpargatas nos pés e fitas na cabeça. Teria sido genial irmanar a caridade do coração e a ousadia dos fundadores, a fita e a toga; desestagnar o índio; ir dando espaço suficiente ao negro; adaptar a liberdade ao corpo dos que se levantaram e venceram por ela. Ficou-nos o ouvidor, e o general, e o letrado, e o prebendado. A juventude angelical, como dos braços de um polvo, lançava ao Céu, para cair com glória estéril, a cabeça coroada de nuvens. O povo nativo, com o impulso do instinto, carregava, cegado pelo triunfo, os bastões de ouro. Nem o livro europeu, nem o livro ianque davam a chave do enigma hispano-americano. Apareceu o ódio e os países pioraram a cada ano. Cansados do ódio inútil, da resistência do livro contra a lança, da razão contra os círios, da cidade contra o campo; do império impossível das castas urbanas divididas sobre a nação natural, tempestuosa ou inerte, começa-se, inconscientemente, a experimentar o amor. Os povos se levantam e se cumprimentam. “Como somos?” se perguntam; e uns a outros vão dizendo como são. Quando aparece um problema em Cojimar, não vão buscar a solução em Dantzig. As levitas ainda são da França, mas o pensamento começa a ser da América. Os jovens da América arregaçam as mangas, põem as mãos na massa e a fazem crescer com a levedura de seu suor. Entendem que se imita demais e que a salvação é criar. Criar é a palavra-chave desta geração.¹⁶

Para finalizar esta parte ilustrativa das concepções e palavras do próprio personagem deste estudo, apresenta-se a maneira pela qual Martí se refere às dificuldades, perigos e problemas das relações da América Latina com o poderoso vizinho do norte e as considerações que faz – em

tempos de forte e entronizado preconceito racial – a respeito do racismo:

O desprezo do formidável vizinho, que nos desconhece, é o maior perigo de nossa América; e é urgente, já que o dia da visita está próximo, que o vizinho a conheça, que a conheça logo, para que não a despreze. Talvez por ignorância chegasse a cobiçá-la. Por respeito, tão logo a conhecesse, tiraria as mãos dela. É preciso ter fé no melhor do homem e desconfiar do pior dele. É preciso dar oportunidade ao melhor para que se revele e prevaleça sobre o pior. Senão, o pior prevalece. Os povos devem ter um pelourinho para aqueles que o incitam a ódios inúteis; e outro para aqueles que não lhes dizem a verdade a tempo.

Não existe ódio de raças, porque não existem raças. Os pensadores doentios, os pensadores de lampiões, tecem e requeimam as raças de biblioteca, que o viajante justo e o observador cordial procuram em vão na justiça da Natureza, onde se destaca, no amor vitorioso e no apetite turbulento, a identidade universal do homem. A alma emana, igual e eterna, de corpos diversos em forma e em cor. Quem fomenta e propaga a oposição e o ódio das raças peca contra a Humanidade.¹⁷

Por outro lado, de uma perspectiva geopolítica e das relações interamericanas, Martí percebe, com acuidade, que, na América Latina, o colonialismo, com suas seqüelas, estava começando a ser superado por novo tipo de dominação protagonizado pelo capital norte-americano. Estava claro para Martí que a autonomia nacional, nessa parte do continente, não seria possível sem a superação desses dois sistemas internacionais de dominação, o que, ao mesmo tempo, não o levava a nenhuma posição xenófoba.

Martí reconhecia e valorizava as conquistas do mundo ocidental e que, tanto a Europa como os EUA eram criadores e portadores de contribuições que a América Latina não poderia ignorar, especialmente no campo da ciência e da técnica como também nas artes e na literatura. Tentou, inclusive, difundir-las em suas “*Escenas Norteamericanas y Europeas*”, sem, no entanto, abrir mão de insistir que, quanto à educação e às questões sociais, políticas e econômicas, deveria ser seguido

16 Idem, p. 198-199.

17 José Martí, *Nossa América*. In: Leopoldo Zea (org.), “Fuentes de la Cultura Latinoamericana”, v. 1, México, Fondo de Cultura Económica, 1993, pp. 126-127.

aquilo que se ajustasse às exigências e necessidades de nossos povos. Como disse em *Nossa América*: “Enxerte-se o mundo em nossas repúblicas, mas o tronco terá de ser o de nossas repúblicas”.

De outra parte, Martí fundou, em 1892, o Partido Revolucionário Cubano (PRC) para “o serviço desinteressado e heróico da independência de Cuba e Porto Rico”.¹⁸ Era um partido da revolução. Inaugurava-se, nessa parte do mundo, a idéia do partido como vanguarda revolucionária, sobre o que Lenin e outros iriam teorizar mais adiante. Criava-se, pela primeira vez, na América, um partido político revolucionário pluralista e multi-classista para preparar, organizar e orientar uma guerra de libertação nacional que visava a uma república independente e democrática “de modo que na conquista da independência de hoje estejam os germes da independência definitiva de amanhã”.¹⁹

O Partido possuía, também, um órgão oficial de divulgação, o periódico *Patria*. Nele e em outros órgãos de imprensa, escreveu incessantemente para organizar a guerra de libertação e traçar as diretrizes da nova república libertada.

A guerra de libertação teve início em 24 de fevereiro de 1895, em diferentes lugares da ilha. Deixou, em seu Diário e em suas cartas, a emoção que sentia ao chegar a Cuba de regresso de viagem a Santo Domingo e Haiti:

Nestes seus campos únicos, nos quais, afinal, tenho me sentido inteiro e feliz (...) Cheguei por fim a minha plena natureza (...) Somente a luz é comparável com minha felicidade (...) Até hoje não tenho me sentido homem. Tenho vivido envergonhado e arrastando a prisão de minha pátria toda minha vida. A divina claridade da alma alivia meu corpo. Este repouso e bem-estar explicam a constância e o júbilo com que os homens se oferecem ao sacrifício.²⁰

Em 15 de abril de 1895, Martí foi nomeado “Mayor General del Ejército Libertador” e, em 2 de maio de 1895, escreveu uma carta aberta ao diretor do jornal *New York Herald* para explicar à opinião pública norte-americana as razões da guerra: “... os cubanos voltaram de um extremo a outro de sua terra, a demandar à última razão das armas, sem ódio contra seu opressor, e pelos métodos estritos da guerra culta, o posto da República...”²¹

Na noite anterior à sua morte, em combate, escreveu, mais uma vez, a seu amigo Manuel Mercado. Encontra-se nesta carta, em certo sentido, o ápice de seu pensamento antiimperialista:

... Já estou todos os dias em perigo de dar minha vida por meu país e por meu dever – posto que assim o entendo e tenho ânimo para realizá-lo – de impedir a tempo, com a independência de Cuba, que os EUA se estendam pelas Antilhas e caiam, com mais essa força, sobre nossas terras da América. Quanto fiz até agora e farei é para isso (...) Vivi no monstro e lhe conheço as entranhas: – e a minha funda é a de Davi...²²

José Martí morreu numa das primeiras escaramuças da guerra independentista, na batalha de Boca de Dos Rios, em 19 de maio de 1895. Foi surpreendido por uma patrulha espanhola depois de haver desacatado ordem do Gen. Máximo Gómez de permanecer na retaguarda. A tropa cubana não conseguiu recuperar o cadáver que foi levado pelos espanhóis; primeiro, para ser exibido e depois, para ser enterrado em Santiago de Cuba, no oriente da ilha.

A luta armada prosseguiu com vitórias gradativas dos independentistas cubanos até que, em 1898, ocorreu a intervenção estadunidense em Cuba. O pretexto foi o da explosão do barco *Maine*, ancorado no porto de Havana.

18 José Martí, “La Proclamación del Partido Revolucionario Cubano el 10 de abril”, O. C. I, p. 388. In: Reinerio Arce, cit., p. 25.

19 José Martí, idem, p. 389. In: Roberto Fernández Retamar, cit., p. 25.

20 José Martí, “Carta a Gonzalo de Quesada y Benjamin Guerra”; O. C. IV, p. 124 e “Carta a Tomás Estrada Palma”, Idem, p. 130. In: Reinerio Arce, cit., p. 26.

21 José Martí, “Al New York Herald”, O. C. IV, p. 130. In: Reinerio Arce, cit., p. 26.

22 José Martí, “Carta a Manuel Mercado”, O. C. IV, p. 167-168. In: Reinerio Arce, cit., p. 24.

Diga-se a propósito que a acusação de responsabilidade aos patriotas cubanos não se sustenta, quando se sabe que os cubanos tinham como objetivo separar-se da Espanha antes que os EUA interviessem, argumento reiteradamente utilizado por José Martí. Não tem sentido lógico considerar-se que os cubanos pretendessem chamar a intervenção. Sabe-se também que os “marines” mortos – cerca de 200 – eram negros ou imigrantes – alemães, holandeses – isto é, a mão-de-obra da embarcação, enquanto os oficiais estranhamente se encontravam em terra, passeando em Havana.

Houve, de outra parte, igualmente, acusações de que a explosão tivesse sido ocasionada pelos próprios norte-americanos. Ainda outra hipótese apresentada por diversos autores, e com chances de probabilidade, é a de que houvesse ocorrido explosão na caldeira do barco. Acontecimento fortuito, portanto.

De qualquer forma, inaugurava-se, então, o intervencionismo protagonizado reiteradamente pelos EUA na América Latina, no decorrer do século XX. Inaugurava-se, também, a justificativa da proteção aos cidadãos norte-americanos que eram, na verdade, os capitalistas ligados à economia açucareira cubana. O governo dos EUA dava início, pois, à prática que se tornou constante, posteriormente, de proteger o capital investido no exterior.

Considere-se, ainda, que a intervenção ocorreu também em Porto Rico, Havaí e Filipinas – o butim de guerra pago pela Espanha –, o que configura uma tremenda entrada em cena do imperialismo norte-americano já em termos mundiais.

A intervenção que deformou a independência cubana durou até 1903. Nesse período, Cuba foi governada pelos generais James Brook e Leonard Wood. Ao se retirarem, deixaram na presidência Tomás Estrada Palma, funcionário da companhia estadunidense de eletricidade em Cuba, e a incorporação da Emenda Platt na constituição

cubana.²³ Além disso, mantiveram sob domínio a região de Guantánamo (oriente da ilha) onde estabeleceram uma base naval controladora do sul do Golfo do México até o Canal do Panamá então construído.

Dessa forma, tal frustração da independência acarretou extraordinária politização do povo cubano, responsável, afinal de contas, pela rebeldia permanente contra a Emenda Platt. O que determinou, por sua vez, mais duas intervenções estadunidenses na primeira metade do século XX: de 1906 a 1909 e de 1917 a 1920 e a sustentação no poder de tiranos como Gerardo Machado e Fulgencio Batista.

A Emenda Platt foi eliminada da Constituição de Cuba apenas em 1933, quando da ascensão do governo nacionalista de Ramón Grau de San Martín. Esse governo sucedeu a Revolução de 1933 que havia derrubado Gerardo Machado – “el Mussolini tropical” – do poder.

Tenha-se presente, portanto, que o conflito nacionalismo/antinacionalismo perpassou o século XX cubano. Os nacionalistas venciam as eleições, quando as havia, e os antinacionalistas chegavam ao poder pela via do golpe, com o apoio dos EUA. Como se sabe, a reação nacionalista mais radical ocorreu na Revolução Cubana de 1956/1959 e seu antecedente, o assalto ao Quartel Moncada, em 26 de julho de 1953, do qual sobreviveram 30 dos 100 participantes. No julgamento do líder do grupo que assaltou Moncada, Fidel Castro, à pergunta do juiz: – “A quem se deve a autoria intelectual desta ação tresloucada?” – a resposta enxuta do réu foi simplesmente: – “A José Martí”.

A revolução incorporou, assim, a memória de Martí, o mártir da descolonização, como seu inspirador fundamental. E a heterodoxia dessa incorporação está bem expressa na palavra da protagonista desta ação e guerrilheira, desde a Sierra Maestra, Haydée Santamaría:

23 A Emenda Platt, de autoria do senador por Connecticut Orville Platt e que dizia que os EUA poderiam intervir em Cuba sempre que o Congresso norte-americano assim o decidisse, foi aprovada no Senado norte-americano (1901) e, com a intervenção em Cuba, agregada compulsoriamente à Constituição Cubana em 1903, quando da passagem do governo intervencionista do general Leonard Wood para Tomás Estrada Palma.

Alí (no Moncada) fomos sendo martianos. Hoje somos marxistas e não deixamos de ser martianos, porque não há contradição nisso, pelo menos para nós. Ali estávamos com as idéias de Martí e hoje continuamos com as idéias de Martí, com as idéias de Lenin, com as idéias de Marx, com as idéias de Bolívar, com a revolução de Bolívar, com a revolução do Che, com a direção de Martí, com a doutrina de Marx e com Bolívar, com o continente que Bolívar quis unir (...) com profundas raízes martianas hoje consideramos e acreditamos que somos marxistas.²⁴

As referências a José Martí são também constantes nos pronunciamentos de Fidel Castro. Elas estão, por exemplo, em *A História me absolverá*²⁵, o discurso de defesa no julgamento do assalto ao Quartel Moncada e dão início à *Primeira e à Segunda Declaração de Havana*²⁶, que são os principais documentos políticos da Revolução Cubana.

E Fidel Castro reproduz também a colossal heterodoxia que acompanha a memória de Martí vinculada à Revolução Cubana ao render homenagem a URSS pelo cinquentenário de sua fundação em 22 de dezembro de 1972:

José Martí, guia e apóstolo de nossa guerra de independência contra a Espanha, ensinou-nos esse espírito internacionalista que Marx, Engels e Lenin confirmaram na consciência de nosso povo. Martí pensava que ‘pátria é humanidade’ e nos traçou a imagem de uma América Latina unida, frente à outra América imperialista e soberba, ‘conturbada e brutal’ – como ele dizia –, que nos desprezava.²⁷

Nesse sentido, já em 1968, Fidel Castro havia classificado Martí como “o mais genial e o mais universal dos políticos cubanos”.²⁸

24 Haydée Habla del Moncada, Havana, Instituto del Libro, 1967. In: Roberto Fernández Retamar, cit., p. 62.

25 Veja-se Fidel Castro, “A História me absolverá”, Rio de Janeiro, Ed. Inverta, 1993. Também: São Paulo, Alfa-Ômega, 1979.

26 In: Fidel Castro, “A Revolução Cubana” (1952/1962), México, Era, 1976, p. 218-244 e 458-486.

27 In: Roberto Fernández Retamar, cit., p. 62.

28 Fidel Castro, “Discurso en la Demajagua”, 10/10/1968. In: idem.

2 Caracterização do pensamento de José Martí

Martí é filho do mundo colonial, líder e mártir da descolonização. Ele percebeu, no final do século XIX, a emergência do imperialismo que iria se estabelecer no século seguinte.

Na verdade, é o mundo colonial que produz um personagem com a capacidade de percepção de José Martí. Marx e Engels, por exemplo, instalados na ponta do sistema, produtos do mundo industrial em formação, em nome do etapismo que levaria à revolução proletária – e proletários não havia no mundo colonial – rejeitaram compromissos com a realidade do mundo colonizado e sua vocação para a autonomia política e econômica.

Como se vê, para Martí era fundamental erradicar os ranços coloniais e enfrentar o imperialismo em formação. Por isso, vinculou sua prática à América Latina, considerando que o papel histórico da luta de Cuba era o de defender o restante do continente do novo tipo de dominação que se avizinhava. Pensava em Cuba formando um dique de proteção que salvaria a América Latina da ação predadora que a ameaçava. Essa seria a grande missão histórica de Cuba para a edificação da unidade latino-americana. A partir daí faz sentido a expressão *Nossa América*, nome de seu texto mais famoso, enquanto ele mesmo recebia o cognome de Apóstolo.

Do ponto de vista operacional, Martí concebia duas etapas na luta pela autonomia nacional cubana. Enfrentar primeiro o inimigo imediato, o colonialismo espanhol e, depois, o inimigo imediato, a dominação dos EUA, que não seria igual ao velho domínio colonial.

Para Martí a revolução seria nacional libertadora, isto é, encaminhadora da plena autonomia nacional. Para que o movimento não incorresse

nos mesmos erros de dispersão de esforços que levaram ao fracasso da Guerra Independentista de 1868/78, fundou o Partido Revolucionário Cubano (PRC) como instância aglutinadora de ações e estratégias para a luta armada. Estava, dessa forma, empenhado na formação de uma vanguarda revolucionária, tema de tantas discussões e debates no âmbito da política revolucionária do século XX.

Pensou, portanto, na organização partidária da revolução. Partido para concretizar a revolução, não o partido a partir do poder. Não enveredou pela futurologia no sentido de imaginar questões que se apresentassem a partir da tomada do poder. Por isso, não teorizou sobre um eventual sistema de partido único.

Pode-se considerar que Martí tendia ao socialismo, pensava no socialismo – percebe-se isso nas considerações que faz a respeito de Marx – mas não pensou no futuro em termos da organização específica da tomada do poder político. Desse modo, afirmações referentes à eventual ligação entre o Partido Revolucionário Cubano e o atual Partido Comunista Cubano carecem de relevância, pois o PRC de Martí era um partido para a revolução que permitiria, se vitoriosa, a tomada do poder político, e o PC cubano atual foi criado em 1975 como instância organizadora da revolução no poder num sistema de partido único. Martí não fala em partido único, ainda que fosse condição para o sucesso da revolução ter o seu partido.

Além disso, a luta revolucionária deveria, na concepção martiana, aglutinar um amplo arco social com ênfase numa aliança de trabalhadores. Dessa maneira, com Martí a revolução nacional libertadora alcança, pela primeira vez, características de antiimperialismo radical.

Sublinhe-se outra visão essencial de Martí: depois do argentino Domingo Faustino Sarmiento²⁹ para quem a América Latina se caracterizaria fundamentalmente pelo confronto entre civilização e barbárie – seria necessário, em consequência, imitar a civilização; o mundo industrial seria civilização, o mundo agrário, barbárie, a América do Norte seria civilização, a América Latina, barbárie... – Martí inverte a linha de raciocínio ao afirmar que “não há batalha entre civilização e barbárie e, sim, entre a falsa erudição e a natureza”.

Na verdade, tomou o partido da barbárie. A miscigenação seria a beleza latino-americana. *Nossa América* constitui-se, então, no grito de independência latino-americana: auto-afirmação própria, orgulho próprio, fim dos complexos de inferioridade. E, em *Nossa América*, pôde afirmar que o ideal latino-americano deve ser o de conhecer a realidade. (“Hay que calcarse en la realidad”). Abandonar a imitação para alcançar a redenção proveniente do conhecimento da realidade.

Emerge, então, no mundo colonial e neocolonial, no qual coube a Martí viver, uma posição que se poderia chamar de “iluminista rousseauiana”. Martí acreditava na bondade intrínseca do ser humano: “A maldade é um acidente e a bondade humana é essencial. Se nasce bom, o mal se faz depois”³⁰. Sendo bom por natureza, o ser humano, a partir do exame da realidade e da educação – esta como reflexo do conhecimento da realidade, a educação, a rigor, só seria possível a partir do exame da realidade – poderia resolver os problemas políticos, econômicos e sociais e criar a fraternidade humana universal.

Aqui se está, obviamente, diante da divergência martiana fundamental em relação ao conceito de luta de classes do marxismo. Por outro lado, ao unir teoria e prática – Martí é um intelectual que vai à prática, nele a teoria se faz prática – e fundar o Partido Revolucionário Cubano, revela,

a partir da ação, um voluntarismo rousseauiano e, do ponto de vista político-ideológico, um nacionalismo revolucionário com características de anti-imperialismo radical.

Cabem ainda considerações que tomem Martí como “contraponto” a Marx. O contraponto estaria dado pela presença praticamente *vis-à-vis* do personagem do mundo industrial que estabelece a crítica a partir da ponta do sistema e que, de alguma forma, desconsidera o “mundo agrário”, e Martí, o personagem do mundo colonial disposto a revirá-lo para chegar à autonomia nacional que permitisse, mais tarde, Nossa América chegar também ao estágio industrial da produção.

Ou, como nos ensina Leopoldo Zea: fazer com que a América Latina (Nossa América) possa chegar também ao humanismo que o mundo ocidental criou, mas se nega a conceder ou permitir aos povos dominados por seu colonialismo³¹. E os EUA, com o imperialismo emergente, estavam acirrando e aprofundando uma dominação que transcenderia o colonialismo europeu.

Tudo isso Martí percebeu de forma cabal. Entretanto, com relação à obra de Marx, Martí praticamente não teve acesso a ela. Provavelmente apenas a alguns textos esparsos, muitos deles escritos no *The New York Sun*, o jornal nova-iorquino que também publicava os textos de Martí – não tendo, portanto, chegado a conhecer realmente a obra do filósofo alemão.

No entanto, em artigos que escreveu, revelou ter Marx em alta conta por sua luta em favor dos pobres e por sua ação na Internacional Socialista, quando tentava equacionar, a partir do diagnóstico da evolução do capitalismo, a revolução libertária dos oprimidos. Refere-se, inclusive, a Marx como o “mais nobre e o mais importante pensador do mundo do trabalho”. Concorda, portanto, com Marx quanto à necessidade da criação de uma nova sociedade e de um novo mundo e, para

29 Veja-se Facundo, México, UNAM, 1972. Também Sarmiento, León Pomer (org.), Col. Política, S. Paulo, Ática, 1983.

Nesta obra, o texto de León Pomer, Sarmiento ou a invenção de uma pátria.

30 José Martí, “Impulsos del corazón” (Drama de Peón Contreras), O.C., VI, p. 446. In: Reinerio Arce, cit., p. 131.

31 Veja-se Leopoldo Zea, “A Filosofia Americana como Filosofia”, São Paulo, Pensieri, 1994.

isso, chama a atenção para a urgência da “explicitação teórica e do precisamento do termo socialismo”³².

Pronuncia-se, contudo, contrário ao conceito de luta de classes. Essa luta estaria evitada do ódio e da exploração do passado e não poderia alicer-

çar o caminho do novo homem que se formaria no futuro. Ódio e perseguição obstaculizariam, então, a aposta que Martí fazia na possibilidade do espírito reconciliador e da “concórdia digna”. Com relação a Marx, portanto, Martí limita sua crítica à teoria e prática da luta de classes.

32 Raul Fornet-Betancourt, “O Marxismo na América Latina”, São Leopoldo, UNISINOS, 1995, p. 23.

3 Martí e a temática religiosa

A obra de José Martí – até agora constituída de 27 volumes classificados em Cuba, a partir da década de 1970 –, prodigiosa para quem viveu 42 anos e com o tipo de vida que lhe coube viver, não registra nenhum livro específico nem qualquer sistematização quanto à temática religiosa.

Considerações e referências à religião, entretanto, aparecem de forma esparsa mas com relativa frequência em sua obra, abrindo um caminho para estudos que apenas mais recentemente estão começando a ser feitos. Nesse sentido, importância singular deve ser creditada ao já citado livro pioneiro do cubano Reinerio Arce, originalmente tese de doutorado, orientada pelo teólogo Jürgen Moltmann e defendida na Universidade de Tübingen, na Alemanha.

A família de Martí era de tradição católica, mas a partir de sua prisão e no desterro na ilha de Pinos (hoje Isla de la Juventud) parece ter havido uma certa conversão mais consciente. Pelo menos, na prisão, leu a Bíblia (Antigo e Novo Testamento) e isso lhe proporcionou uma nova e mais ampla dimensão de sua religiosidade. O presídio com a tortura – a saúde débil de Martí foi em grande medida determinada pela tortura na prisão – havia sido um abismo infernal. E esse abismo infernal Martí chamou de “negação de Deus”. Então, ali, na negação de Deus, Martí teve “horas de Deus”. Ou, como disse mais tarde: “Theos vive como força impulsora, pura, magna: bem sabem os que estiveram presos nos cárceres dos homens...”

Assim, o tratamento do tema não está sendo feito por um pesquisador neutro ou dele afastado, mas que dele se ocupa de “dentro”, isto é, na perspectiva da obtenção de respostas a interro-

gantes pessoais. Sua religiosidade estava dirigida mais para a ética e a estética do que para a mística ou a ascese. E ocupou-se dela. Para ela dedicou tempo.

Em seus artigos, com frequência, comentava artigos e livros que abordavam temas religiosos e, por vezes, acrescentava suas idéias e opiniões a respeito. Chegou a esboçar um livro (*Los Milagros en América*) sobre as religiões na América, o qual, no entanto, não chegou a publicar. Escreveu sobre histórias, milagres e lendas, tanto cristãs como budistas e das religiões aborígenes da América. Aparentemente pretendia realizar um estudo comparativo entre diferentes religiões.

3.1 A definição martiana de religião

Existe uma definição de religião formulada por José Martí:

Existe no homem um conhecimento íntimo, vago, mas constante e imponente, UM GRANDE SER CRIADOR: este conhecimento é o sentimento religioso, e sua forma, sua expressão, a maneira com que cada agrupação de homens concebe Deus e o adora, é o que se chama religião. Por isso, na antigüidade, havia tantas religiões como povos originais; mas nem um só povo deixou de sentir Deus e tributar-lhe culto. A religião está, pois, na essência de nossa natureza. Ainda que as formas variem, o grande sentimento de amor, de firme crença e de respeito, é sempre o mesmo. Deus existe e é adorado.³³

A partir daí, Martí tem condições de fazer referência à religiosidade do ser humano, a qual, segundo ele, é determinada por dois elementos básicos:

1. pela existência mesma deste “grande ser criador, Deus”;

33 José Martí, “Hay en el hombre...”, O.C. XIX, p. 391. In: Reinerio Arce, op. cit., p. 89.

2. o conhecimento intuitivo de Deus por parte do ser humano.³⁴

Existe aí certa dicotomia, na medida em que a religiosidade tem a ver, em sua essência, com os sentimentos, enquanto a religião – e também a filosofia –, com a razão. Assim, para Martí, a religiosidade no ser humano é o resultado da intuição, não apenas quanto à existência, mas quanto à presença de Deus e tem como características o amor, o respeito e a fé. As categorias “amor” e “respeito” permitem concluir pela vinculação, em seu pensamento, entre a religião e a ética. Dessa forma, ao caracterizar a religiosidade com categorias basicamente éticas, Martí revela-se conseqüente com sua visão unitária de ética e religião.

Ao mesmo tempo que o amor, como categoria essencial, constitui-se num dos fundamentos da ética martiana, Martí considerou-o como força universal e criadora, inexistindo a possibilidade de vida sem amor. É impossível haver humanidade sem amor, a única verdade existente. Por isso afirmou que “só o amor constrói” e que “amar é o único modo de crescer”³⁵.

Simultaneamente, essa força, que ele chamou amor, tinha um caráter divino. Ainda que não definisse Deus através da categoria do amor, considerava que seu Deus não podia odiar e que seria ingrato a Deus aquele que ensinasse às novas gerações “o evangelho bárbaro do ódio”, e não a “prática doce do amor”³⁶.

Martí refere-se também à “nova religião de amor entre os homens” ou, “a religião de amor na qual a alma cubana está derretendo seus elementos de ódio”³⁷. Sua religião era, portanto, a

religião do amor. Por isso, afirmou que “agora se necessita mais que nunca de templos de amor e humanidade que desatem tudo o que de generoso existe no ser humano e que sujeitem tudo o que nele há de cru e vil”³⁸.

Ademais, o amor poderia mostrar-se tanto como força coletiva como individual. Mas, sempre como força divina, essencial no espírito humano. Além disso, o amor não era, para Martí, uma categoria abstrata, mas, como força, se manifestava em fatos concretos, em ações que traziam resultado concreto.

A partir daí, considere-se que amor e ódio eram concebidos por ele como pólos antagônicos em contínua oposição e luta. A marcha da humanidade na direção do futuro se daria através desta luta de contrários. Num certo sentido, antecipa Freud que colocou categorias científicas no permanente confronto entre Eros e Tánatos, vida e morte. A propósito, Martí escreveu: “A terra é um mortal combate... entre a Lei do Amor e a Lei do Ódio”³⁹. E sua opção foi pelo amor: “Odiar não é bom. Repilo-o como distúrbio”⁴⁰. Para os “odidores” – termo que usa –, por sua vez, sempre permanecia aberta a possibilidade da conversão ao amor. O rechaço de Martí ao ódio começava por uma atitude pessoal. “Se eu odiasse alguém, me odiaria a mim mesmo por isso... eu ainda não sei odiar”⁴¹.

Quando organizava a Revolução Independentista pediu aos cubanos “uma guerra sem ódio onde se conseguirá a república laboriosa e justa, a fazer a revolução sem ódio aos espanhóis”⁴². Aos que o criticaram por isso, respondeu: “Não pode haver ódio contra os que não

34 Idem.

35 Idem, p. 90.

36 José Martí, “El Poema de Niágara”, O.C. VII, p. 230. In: Reinerio Arce, *Religión: Poesía del Mundo Venidero*, cit., p. 90.

37 José Martí, “Persona y Patria”, O.C. II, p. 279 e “Carta a José Dolores Poyo”, Idem, p. 463. In: Reinerio Arce, cit., p. 90-91.

38 José Martí, “Escenas Norteamericanas”, O.C. X, p. 80. In: Reinerio Arce, cit., p. 121.

39 José Martí, “El alma de la Revolución y el deber de Cuba en América”, O.C. III, p. 139. In: Reinerio Arce, cit., p. 92.

40 José Martí, Carta a Joaquin Macal, O.C. VII, p. 97 e segs. In: Reinerio Arce, cit., p. 92.

41 José Martí, “El Presidio Político en Cuba”, O.C. I, p. 45. In: Reinerio Arce, cit., p. 92.

42 José Martí, “El Partido Revolucionario Cubano”, O.C. I, p. 368. In: Reinerio Arce, idem. No Manifesto de Montecristi, plataforma política da revolução de 1895, Martí reiterou enfaticamente de que se tratava de uma revolução limpa de todo ódio.

pensam como nós”. E ainda: “Em povos somente edificam os que perdoam e amam. Haver-se-á de amar o adversário ainda que se esteja derrubando-o em terra. Os odiadores deveriam ser declarados traidores da república. O ódio não constrói”⁴³.

Esta convicção de luta contra o ódio estendeu-se, obviamente, e, de forma natural, ao conflito racial. E não se deixe de considerar que o amor para Martí não implica atitude passiva ou falta de ação enérgica. Pelo contrário, leva à ação comprometida e eficaz. O amor constitui-se, portanto, em elemento central de sua definição de religiosidade.

3.2 Martí anticlerical e crítico da religião institucionalizada

Tanto na crítica às religiões como às Igrejas, Martí não o fez “de fora”. Fez a crítica a partir de sua própria religiosidade. Não assumiu posição anti-religiosa, criticou nas religiões estabelecidas o que considerava seus desvios. E fez a crítica a partir de uma concepção de que as religiões não desaparecerão, mas, pelo contrário, irão se transformando para se fazerem melhores e, com toda a humanidade, irão se movendo na direção da unidade com a perfeição divina.

Entretanto, tinha posição crítica a todas as religiões, ao cristianismo ou ao próprio catolicismo em pontos como:

1. As religiões limitariam a liberdade e as possibilidades do ser humano, especialmente no uso da razão, vista esta como uma dádiva de Deus. Para Martí não existiria determinismo divino. Deus deixaria um espaço para a liberdade e a responsabilidade do ser humano.
2. As religiões se convertem, por vezes, em instrumento de opressão. Com frequência,

estabelecem alianças com os setores privilegiados, oferecendo suas doutrinas como instrumento a serviço da exploração dos socialmente mais débeis.

Mas, como se disse, a crítica ocorre a partir de sua religiosidade. Por isso, pôde escrever sobre o cristianismo:

Pura, desinteressada, perseguida, martirizada, poética e simples, a religião do Nazareno seduziu todos os homens honrados, indignados do vício alheio e ansiosos de ares de virtude; e seduziu as mulheres dispostas sempre ao maravilhoso, ao terno e belo... O fundador da família não é responsável pelos delitos que cometem os filhos de seus filhos⁴⁴.

De outra parte, muitos autores o consideram como anticlerical, afirmação que, no entanto, se afigura pouco precisa além de ser utilizada geralmente no âmbito político. A mesma ambigüidade observa-se na literatura voltada à análise do pensamento de Martí sobre a religião. Alguns consideram Martí crítico de toda religião institucionalizada, e outros, crítico apenas do clero conservador. Há quem ainda fale em anticatolicismo do seu pensamento. Trata-se, realmente, de uma discussão matizada por elementos políticos e ideológicos.

Por outro lado, houve, também reações de setores da Igreja Católica às críticas de Martí, considerando-o vítima da influência do pensamento liberal e heterodoxo. Aliás, essa é uma crítica, em muitos sentidos, similar às feitas posteriormente à Teologia da Libertação, acusada, com frequência, de assumir posições contra as estruturas eclesiais. De qualquer forma, a aproximação do pensamento dele com a Teologia da Libertação é, naturalmente, evidente, pelo menos no sentido da consideração de Martí como antecedente expressivo.

Segundo Reinerio Arce, pelo menos três aspectos essenciais das críticas de Martí à Igreja Cristã poderiam ser apontadas:

43 José Martí, “Fragmentos”, O.C. XXII, p. 58 e “Francia”, O.C. IV, p. 496. In: Reinerio Arce, cit., p. 93. R. Agramonte, Martí y su concepción del mundo, p. 628, refere que, em outro momento, Martí escreveu: “O adversário deve encontrar sempre em nós mais bálsamo que aço”.

44 José Martí, “Hombre de Campo”, O.C. XIX, p. 383. In: Reinerio Arce, cit., p. 100.

1. Traição à verdade do Evangelho, o que para ele significa “desfiguração do cristianismo”;
2. a estrutura hierárquica, que impõe a limitação da liberdade, o que chamou de “opressão da inteligência”;
3. a aliança com os poderosos, o que ele caracterizou como “los olvidos de la caridad para afirmar un poder”⁴⁵.

3.3 A opção pelos pobres e a nova religião

A opção pelos pobres, derivada da conceitualização martiana do amor, é central na “visão religiosa” do pensador cubano. Desde logo, encontra-se aí novamente a ligação com a Teologia da Libertação. Martí considerava o cristianismo, em essência, a religião dos pobres e para os pobres: “a verdade se revela melhor aos pobres e aos que padecem”⁴⁶.

Na poesia, letra da célebre canção Guantamera, Martí exalta a “guajira” (camponesa) de Guantánamo, fazendo uma profissão de fé clara: “Con los pobres de la tierra quiero yo mi suerte echar”⁴⁷. A opção pelos pobres se fundamenta nos princípios éticos de Martí que estão sempre em estreita relação com sua cosmovisão e ação. Em *Hombre de Campo*, ele afirma que “foi um homem pobre que desejava que os homens se quisessem entre si, que aquele que tivesse ajudasse ao que não tivesse”⁴⁸.

E não apenas a origem social de Jesus, mas toda sua vida e morte determinam o compromisso dos cristãos em favor dos pobres. Em *Los Barrios Pobres* foi contundente: “Querem levantar

templos? Que façam casas para os pobres. Salvar almas querem? Pois, desçam a este inferno, não com esmolas que envilecem, mas com as artes do exemplo”⁴⁹.

Assumir a causa dos pobres tornava-se uma necessidade para a reversão da assimetria nas relações sociais de uma sociedade colonial como a cubana, ou neocolonial como a latino-americana: “Há que se fazer causa comum com os oprimidos para fortalecer o sistema oposto aos interesses e hábitos de mando dos opressores”⁵⁰. E sua fundamentação era religiosa: “Homem te faço, disse o Criador: e lhe pôs nos lábios a palavra, e entre o cabelo e os olhos uma centelha de luz: desde então, nem ser duque, nem marquês, nem conde, nem visconde, nem barão, é ser mais que homem... Vermes me parecem todos esses desprezadores dos pobres...”⁵¹

Ao mesmo tempo, identifica-se a si como cristão: “Cristão, pura e simplesmente cristão. Observância rígida da moral – melhoramento meu, ânsia pelo melhoramento de todos, vida pelo bem, meu sangue pelo sangue dos demais: – eis aqui a única religião, igual em todos os climas, igual em todas as sociedades, igual e inata em todos os corações”⁵².

Dáí provém a concepção martiana da Nova Religião. Sempre partindo da idéia cristã, como a mais completa até então, propunha uma nova religião para uma nova época que a humanidade começaria a viver. Sua crítica à religião em geral, e especificamente à cristã, não o conduziu ao ateísmo, nem mesmo ao desinteresse, pelo contrário, levou-o a propor e verificar quais seriam os fundamentos de uma nova época e uma nova humanidade.

Chega a esse estágio em grande medida pela distinção que soube fazer entre religião e religio-

45 Reinerio Arce, cit., p. 102.

46 José Martí, “El Cisma del catolicismo en Nueva York, O.C. XI, p. 139. In: Reinerio Arce, cit., p. 107.

47 José Martí, “Versos Sencillos”, O.C. XVI, p. 67. Veja-se também J. Cantón Navarro, “Con los pobres de la tierra”. In Anuario del Centro de Estudios Martianos, n. 11, 1988, p. 33 e segs.

48 José Martí, “Hombre de Campo”, O.C. XIX, p. 381. In: Reinerio Arce, cit., p. 107.

49 José Martí, “Los Barrios Pobres”, O.C. X, p. 60. In: Reinerio Arce, cit., p. 107.

50 Idem, “Nuestra América”, O.C. VI, p. 19. In: Reinerio Arce, cit., p. 108.

51 Idem, “La processión moderna”, O.C. X, p. 77. In: Reinerio Arce, cit., p. 108.

52 Idem, Cuaderno n. 1, XXI, p. 18. In: Reinerio Arce, cit., p. 108.

sidade para então poder reagir contra os males da religião passada e destacar a liberdade como elemento essencial da religiosidade, pois, ela, com a razão, constitui-se numa dádiva divina.

Observe-se que Martí reitera essa concepção com frequência: “O exercício da liberdade conduz à religião nova”⁵³. “Nada ajuda mais à nova religião que a liberdade (...) A liberdade é a religião definitiva”⁵⁴. “O mundo é religioso e não é religião aquela que se rebela contra a natureza”⁵⁵.

Além disso, devido à perspectiva de sua condição intrínseca, a nova religião deve estar “fundada na beleza profunda e sem mistérios pueris, na natureza divina e reverente do homem”⁵⁶ e se constituir em “religião dos homens livres novos, vasta, grandiosa, fraternal, humana, livre como eles”⁵⁷.

A partir de então, Martí está em condições de conceber a religião como poesia do mundo vindouro.

3.4 A religião como poesia do mundo vindouro⁵⁸

A religião traz em si um elemento de “futuridade”, o que a faz provedora de esperança. Não a esperança alienante que se apega ao milagroso, mas aquela que se converte em força para a ação transformadora.

A idéia de “futuridade” está, pois, presente em Martí como aspiração, como necessidade de projeção futura que mova o ser humano para diante:

“as religiões naquilo que têm de durável e puro são forma de poesia que o homem pressente (...) são a poesia do mundo futuro”⁵⁹.

Vê-se aí um novo elemento essencial na concepção martiana do religioso: o estético. Para Martí existe uma relação estreita e particular entre religião e poesia e entre religião e arte. Ao referir-se à religião futura dizia que esta iria se desenvolvendo até chegar a seu “estado definitivo de colossal poesia”⁶⁰. Em outro momento, escreveu: “Oh! a religião, falsa sempre como dogma à luz do alto juízo, é eternamente verdadeira como poesia”⁶¹.

Dessa forma, poesia e literatura, com a razão e a graça, permitirão prover a humanidade, ansiosa de maravilha e poesia, da religião que ela confusamente aguarda desde que conheceu a insuficiência dos antigos credos. Martí considerava a poesia como forma do novo culto, pois “aquietada e formoseia o presente, deduz e ilumina o futuro e explica o propósito de inefável e sedutora bondade do Universo”⁶².

Martí aponta quatro características fundamentais da poesia:

- 1) “A poesia não é arte, mas essência” e é a “língua do subjetivo permanente”⁶³. Em consequência, a poesia adquire caráter divino: “a poesia é sagrada”⁶⁴.
- 2) A poesia é expressão do belo ou, na expressão do próprio poeta, “expressão simbólica dos aspectos belos da natureza”⁶⁵.
- 3) A poesia, ainda que resultado da dor, engendra amor. No dizer de Martí, “tudo, até

53 Idem, “Henry Ward Beecher”, O.C. XIII, p. 33. In Reinerio Arce, cit., p. 109.

54 Idem, “La Libertad Religiosa”, O.C. XIX, p. 397. In: idem, p. 109.

55 Idem, Cuaderno n. 1, XXI, p. 16. In: idem, p. 109.

56 Idem, “La religión en los Estados Unidos”, O.C. XIX, p. 397. In: idem, p. 110.

57 Idem, O.C. XXII, p. 307. In: idem p. 110-111.

58 No original La religión como poesia del mundo venidero.

59 Idem, “La Excomuni6n del Padre Mc Glynn”, O.C. XI, p. 243. In: idem, p. 112.

60 Idem.

61 Idem, O.C. II, p. 738 (edição venezuelana). In: idem, p. 131.

62 Idem, “El poeta Walt Whitman”, O.C. XIII, p. 135. In: idem, p. 113.

63 Idem, Cuaderno n. 7, O.C. XIX, p. 222. In: idem, p. 113.

64 Idem, “La poesia es sagrada”. In: José Martí, Poesía Completa II, Havana, 1985, p. 166. In: idem, p. 113.

65 Idem, “Fragmentos”, O.C. XXII, p. 96. In: idem.

a própria dor há de parecer amor no poeta”⁶⁶.

- 4) A poesia é forjadora de esperança. “Bem fazem sempre os poetas, que, em meio a tanta realidade humana, anunciam e prometem a vindoura realidade divina”⁶⁷.

Essa percepção martiana da poesia abarca também a religião, igualmente consequência da dor no mundo presente e da dor sofrida na gesta-

ção do mundo futuro. A religião constitui-se, então, na essência do mundo vindouro, “é o resultado do descontentamento do ser humano com o que vê e que aspira a fazer mais belo”⁶⁸. E Martí acrescenta: “Existe uma religião: a inconformidade com a existência atual e a necessidade, encontrada em nós mesmos, de algo que realize o que concebemos”⁶⁹.

66 Idem, R. Agramonte, p. 335. In: idem.

67 Citado por R. Dario, “José Martí, poeta”. In: A. Cairo Ballester (org.), Letras, Cultura en Cuba, Havana, 1989, p. 29.

68 Idem, “Apuntes para los debates sobre el idealismo y el realismo en el arte”, O.C. XIX, p. 417. In: idem.

69 Idem, “El Cristianismo y la Curia”, O.C. VI, p. 313. In: idem, p. 114.

4 À maneira de conclusão: Martí, marxismo, teologia da libertação

Não é destituído de sentido dizer-se que o exame das concepções religiosas de Martí podem ainda aprofundar-se no futuro, especialmente para aproximá-las da Teologia da Libertação em relação à qual elas se evidenciam como antecedente expressivo. Ao optar pelos pobres, a Teologia da Libertação recupera ou reenceta uma trajetória que Martí, de alguma forma, já havia iniciado ou esboçado ao final do século XIX.

Outra similitude, que se poderia destacar, diz respeito ao pensamento martiano com relação a Karl Marx. Tanto Martí como a Teologia da Libertação seguiram uma trajetória própria que, no entanto, não rejeita explicitamente o marxismo. Ambos puderam, inclusive, valer-se de “recursos”, quanto ao método de análise, que o marxismo fornece.

Martí considera a ação de Marx e rejeita a sua luta de classes. Nesse sentido, “desmitifica” Marx sem rejeitá-lo. Com a Teologia da Libertação ocorre algo similar, ainda que esta não rejeite a luta de classes nem o método marxista de análise. Mas, também o “desmitifica” ao não adotá-lo como panacéia nem aceitá-lo dogmaticamente, ou, como religião. O marxismo não tem, nesse caso, o controle ideológico nem a palavra final.

Por outro lado, a opção pelos pobres vista como “contraponto” ao marxismo, aproxima Martí da Teologia da Libertação na medida em que a opção pelos pobres deixa de se constituir em exclusividade do marxismo. E a opção martiana pelos pobres parte do sentimento religioso, como é o caso da Teologia da Libertação.

Em função do exposto, cabe ainda uma referência e transposição temporal para a situação da trajetória da humanidade no início do século

XXI, para a transição que se vive, para a crise de valores atual. E Martí se revela mais atual do que nunca.

O gigante das botas de 7 léguas oferece à América Latina a ALCA dos seus desejos: a livre circulação de mercadorias sem a concomitante livre circulação de mão-de-obra. Discute-se quando a ALCA deve começar: em 2005? ou 2006? Na verdade, as questões essenciais em jogo, no âmbito das discussões da formação da ALCA, já existem desde os tempos da Colônia, e Martí já as discutiu, como se viu, há mais de um século.

A ALCA proposta pelos EUA – Bush-pai já havia falado numa única zona livre de comércio do Alasca à Patagônia – tem, em relação às formas colonialistas seculares de dominação sobre a América Latina, uma aparente sofisticação no sentido de explicitar o binômio contraditório: abertura – ou abolição – de fronteiras apenas para as mercadorias, e não para os seres humanos.

Nesse sentido, é emblemático o muro construído pelo governo dos EUA no noroeste mexicano para separar os dois países, o que acaba evidenciando esta monumental ambivalência: enquanto os EUA festejavam a queda do Muro de Berlim construíam o seu muro para afastá-los do povo mexicano, o qual já haviam decidido transformar em consumidor dos seus produtos industrializados.

Essa ambivalência exige que se recorra de novo a José Martí com sua frase lapidar: “Na América Latina, o que Bolívar não fez, ainda está para ser feito”. E atualizá-la: “Na América Latina, o que Bolívar e Martí não fizeram, ainda está para ser feito”.

Referências bibliográficas

- ACOSTA, Reinaldo et al. *Estudios sobre Martí*. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975.
- AINSA, Fernando. Creencias del aldeano vanidoso: la utopia de Nuestra América de José Martí. *Cuadernos Americanos* (Nueva Época), México, n. 98, p. 56-71, mar./abr. 2003.
- ALTMANN, Werner. José Martí: filho do mundo colonial e precursor do anti-imperialismo – um grito de independência latino-americana. In: José Martí: 150 Anos, *IHU On Line*, São Leopoldo, Unisinos, ano 3, n. 65, 23 jun. 2003.
- ÁLVAREZ SINTES, Ana María. José Martí: un gacetillero anónimo en la Revista Universal? *Cuadernos Americanos* (Nueva Época), México, n. 98, p. 39-50, mar./abr. 2003.
- ARCE, Reinerio. *Religión: Poesía del Mundo Venidero – Implicaciones Teológicas en la obra de José Martí*. Quito: Ediciones CLAI, 1996.
- _____. José Martí: sólo el amor construye. *Signos de Vida*, 2ª época, Quito, n. 27, mar. 2003.
- BALLESTER, A. Cairo (org.). *Letras, Cultura en Cuba*. Havana, 1969.
- CANTÓN NAVARRO, J. Con los pobres de la tierra. *Anuario del Centro de Estudios Martianos*, Havana, n. 11, 1988.
- CASTRO, Fidel. *La Revolución Cubana*. México: Era, 1976.
- _____. *A História me absolverá*. Rio de Janeiro: Inverta, 1993. Também: São Paulo: Alfa Ômega, 1979.
- FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *Lectura de Martí*. México: Editorial Nuestro Tiempo, 1972.
- _____. Otra vez Martí. In: _____. *Caliban – apuntes sobre la cultura en Nuestra América*. México: Diógenes, 1974.
- _____. Introdução a José Martí. In: MARTÍ, José. *Nossa América*. São Paulo: Hucitec, 1983.
- _____. Martí en su siglo y en los siglos. *Cuadernos Americanos* (Nueva Época), México, n. 98, p. 11-21, mar./abr. 2003.
- FORNET-BETANCOURT, Raúl. A representação da recepção filosófica do Marxismo no exemplo de José Martí. In: _____. *O Marxismo na América Latina*. São Leopoldo: Unisinos, 1995. p. 23-29.
- _____. José Martí e a crítica à razão teológica estabelecida no contexto do Movimento Independentista Cubano no final do século XIX. In: _____. *A Teologia na História Social e Cultural da América Latina*. São Leopoldo: Unisinos, 1996. p. 69-88.
- HIDALGO PAZ, Ibrahim. *Incursiones en la Obra de José Martí*. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1989.
- MARTÍ, José. *Cuba, Nuestra América, los Estados Unidos*. Prólogo y selección de Roberto Fernández Retamar. México: Siglo XXI, 1973.
- _____. *Martí por Martí*. Havana: Letras Cubanas, 1982.
- _____. *Nossa América*. Introdução e organização de Roberto Fernández Retamar. São Paulo: Hucitec, 1983.
- _____. *La Edad de Oro*. México: FCE, 1992.
- _____. *Escritos sobre educación*. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1992.
- _____. *Nossa América*. In: ZEA, Leopoldo (org.). *Fuentes de la Cultura Latinoamericana*. México: F.C.E., 1993. v. 1
- _____. *América para la humanidad*. Havana: Centro de Estudios Martianos, 2001.
- _____. Sei como se acendem os corações, Artigos e Discursos. Lisboa: Caminho, 2003.
- MARTÍNEZ, Mayra Beatriz. Martí y la corporeización del eros. *Cuadernos Americanos* (Nueva Época), México, n. 98, p. 22-38, mar./abr. 2003.
- MARTÍNEZ ESTRADA, Ezequiel. *Martí Revolucionario*. Havana, 1967.
- _____. *Martí: el héroe y su acción revolucionaria*. México: Siglo XXI, 1969.
- MÉNDEZ REYES, Salvador. José Martí y Miguel Hidalgo. *Cuadernos Americanos* (Nueva Época), México, n. 98, p. 51-55, mar./abr. 2003.
- POMER, León (org.). *Sarmiento*. São Paulo: Ática, 1983.
- SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo*. México: UNAM, 1972.
- ZEA, Leopoldo. *Latinoamérica Tercer Mundo*. México: Extemporáneos, 1979.
- _____. *Fuentes de la Cultura Latinoamericana*. México: F.C.E., 1993. v. 1.
- _____. *A Filosofia Americana como Filosofia*. São Paulo: Pensieri, 1994.
- _____. *Martí, artífice del Nuevo Mundo*. Discurso presentado no Congresso Martí 150 Anos. Havana, jan. 2003.